



## Murilo Contó

ENTREVISTA | PARTE 2

Acompanhe a segunda parte da nossa entrevista com o diretor de Políticas de Saúde da Boston Scientific no Brasil, Murilo Contó.

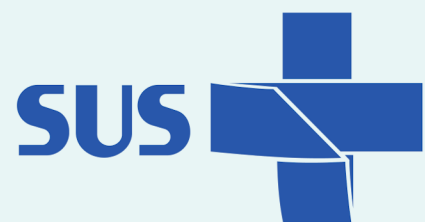
### **No âmbito da regulamentação de dispositivos médicos, qual o papel e a relevância da indústria brasileira hoje junto a OPAS/OMS?**

A OPAS/OMS não é propriamente um organismo de regulação, mas sim de apoio aos governos locais no sentido de fortalecer suas políticas de saúde, dentre elas a capacidade de se ter uma boa regulação. Durante muitos anos, a OPAS/OMS do Brasil mantém ações de cooperação com o Ministério da Saúde do Brasil para apoiar iniciativas como o fortalecimento do Complexo Industrial da Saúde.

Considerando a relevância que o Brasil possui para toda a região das Américas, principalmente na América Latina, ter um país-membro com elevada capacidade industrial na área da saúde é estratégico também para diminuir vulnerabilidades de outros países menos industrializados da região.

### **Na sua visão, temos motivo para nos orgulharmos do SUS? Por que muitas vezes a sociedade não percebe a importância deste sistema de saúde? Falta investimento/ financiamento para o SUS?**

Temos muitos motivos para nos orgulharmos do SUS. Acredito que sua criação foi e ainda é a maior conquista social dos brasileiros. Acredito que grande parte da sociedade desconhece como o sistema é estruturado e tudo que nele está inserido. Por exemplo, poucos sabem que a Anvisa e todas as ações de vigilância e controle sanitário está dentro do SUS.





Acho que existe um viés de se destacar quase sempre aquilo que não funciona bem no SUS ao invés das coisas que funcionam bem. O Brasil sempre foi destaque com seu programa nacional de imunização e transplantes de órgãos, mas esses pontos não são destacados como sendo um serviço SUS. Mas sempre que são mostradas imagens de serviços de saúde lotados e com precariedade no atendimento o nome SUS sempre é citado. Já ouvi muita gente falar que o problema não é falta de dinheiro, mas sim de gestão, mas se analisarmos os números veremos que o investimento per capita em saúde pública no Brasil é ridiculamente menor ao de outros países que possuem sistemas de saúde similares, como Canadá, Inglaterra e Austrália. O desenho e modelo do SUS é incrivelmente bem feito, com uma capilaridade fantástica que pode chegar a qualquer município por mais distante e remoto que seja, mas faltam recursos para que o acesso seja realizado com qualidade e em tempo hábil.

**Como a indústria nacional pode contribuir com o sistema de saúde brasileiro? Existem projetos relevantes neste sentido? Há uma real abertura do governo para tal?**

As pessoas que estão à frente da nova política do Complexo Industrial da Saúde no Brasil são em grande parte as mesmas que criaram essa política anos atrás, portanto, já sabem o que funciona e o que não funciona e o que precisa mudar para que o projeto possa de fato se tornar uma realidade. A indústria está atenta e pronta para atender os chamados do governo para colaborar com o fortalecimento do país, tanto no campo industrial como social e na saúde, mas é importante que condições de sustentabilidade e segurança sejam bem definidas para que os projetos comecem a sair do papel.

**Como você avalia o órgão regulador, em termos de resolutividade no Brasil?**

Embora a Anvisa seja a principal autoridade reguladora da saúde no Brasil, existem outros órgãos, como a ANS, a CONITEC e o próprio Ministério da Saúde que também atuam como reguladores. Acredito que a Anvisa seja o órgão que mais tem evoluído ao longo dos anos para melhorar seu arcabouço regulatório e simplificar processos sem comprometer a segurança e eficácia dos produtos que são disponibilizados para a população. Os demais órgãos têm evoluído menos nesse sentido, muitas vezes impondo normas sem a devida consulta ou participação do setor regulado, o que pode gerar impactos significativos na cadeia logística, da produção e distribuição, com possíveis repercussões em preços e no acesso da população aos produtos para a saúde.

### **Dispositivo médico, de modo geral, é caro? O que pode ser considerado verdadeiramente “caro” na nossa realidade?**

Dispositivos médicos compreendem uma vastidão de possibilidades. Pode ser algo muito simples custando centavos (como um abaixador de língua descartável) até equipamentos sofisticadíssimos como os Tomógrafos Computadorizados que custam milhões, mas o conceito de caro e barato é muito relativo. Na minha visão, todo gestor que toma decisão sobre onde vai investir o dinheiro da saúde deve ter uma visão mais ampliada para o médio e longo prazo. É a famosa história do barato que sai caro. Muitas vezes na saúde existem alternativas que num primeiro momento custam menos, mas podem ter menos benefícios ou podem até causar eventos adversos que custam muito para serem tratados depois. É importantíssimo o olhar para além do preço de compra do dispositivo, verificando seus benefícios ao longo do tempo para o paciente. Esse tipo de conta custo-benefício é o papel primordial da economia da saúde, umas das áreas que sou responsável na Boston Scientific.

### **Dispositivo médico, de modo geral, é caro? O que pode ser considerado verdadeiramente “caro” na nossa realidade?**



Embora a Conitec e a ANS estejam avançando em seus processos, acredito que ainda estamos atrasados em relação aos países com sistemas de saúde semelhantes. Muita dessa dificuldade de se acelerar a incorporação ocorre por questões orçamentárias, seja pelo subfinanciamento público do SUS ou pelo eventual impacto que novas incorporações no Rol ANS podem trazer nos reajustes das mensalidades dos planos de saúde. Temos algumas barreiras econômicas aqui que geram um ciclo vicioso de ineficiências, pois muitos dispositivos têm um potencial enorme de gerar economias significativas - tanto para o SUS como para a saúde suplementar - mas acabam não sendo incorporadas porque teriam um impacto orçamentário inicial. Ou seja, não se incorporam tecnologias inovadoras porque elas têm um custo inicial e falta dinheiro para isso; e como não incorporo tecnologias inovadoras e mais eficientes, nunca conseguirei gerar a economia necessária para ter recursos orçamentários porque mantenho tecnologias que custam mais para o sistema. É um ciclo perverso que gera cada vez mais ineficiência e falta de recursos.

### **Poderia abordar em linhas gerais o ciclo de vida dos dispositivos médicos?**

O ciclo de vida dos dispositivos pode ser curto ou longo, sendo que, quando se fala em inovação, em média são ciclos bastante curtos com melhorias incrementais constantes - assim como ocorre com outros dispositivos, por exemplo, os smartphones.

O ciclo de vida começa na etapa de pesquisa e desenvolvimento. Após autorização regulatória, passa por uma difusão inicial e atinge o ápice do uso depois que, normalmente, já está consolidado com políticas de acesso. Depois, o dispositivo começa a ter uma curva descendente, entrando em desuso ou obsolescência, graças a outras tecnologias mais eficientes que vão surgindo.





**No último 16 de março, ocorreu em Brasília, no auditório da Anvisa, o “Fórum ABIIS”, que abordou a temática: “Dispositivos médicos: políticas públicas, regulação e sociedade.” Na oportunidade, foi anunciado um Projeto de Lei que institui o dia 20 de outubro como o Dia Nacional do Dispositivo Médico. Qual a importância desta data para o setor regulador e de serviço? O que foi destaque pra você neste Fórum?**

A importância da data está no fato de reconhecer e dar visibilidade sobre o papel fundamental que os dispositivos médicos possuem em toda a área assistencial da saúde - desde a prevenção, diagnóstico e tratamento. Como o presidente da ABIIS, Carlos Gouvea, costuma dizer: “Os dispositivos nos acompanham a vida toda, do primeiro ao último suspiro.” Acredito que o destaque do evento foi a presença de toda a diretoria colegiada da Anvisa no último painel de debates - do qual tive a honra de também participar - para o anúncio e a entrega deste Projeto de Lei das mãos do Deputado Pedro Westphalen que teve grande papel durante a pandemia em apoio à agência na época das avaliações e liberação de vacinas contra a Covid-19.

**Murilo Contó** é diretor de Políticas de Saúde da Boston Scientific no Brasil, respondendo pelas áreas de pesquisa clínica, economia da saúde e relações governamentais. Co-idealizador e organizador, junto com a Sociedade Brasileira de Engenharia Biomédica (SBEB), do Prêmio SBEB-Boston Scientific de Inovação em Engenharia Biomédica para o SUS que, desde 2020, já premiou 16 trabalhos inovadores.

O executivo também é o atual presidente do Board da Health Technology Assessment Division (HTAD) da International Federation for Medical and Biological Engineering (IFMBE), entidade que congrega a comunidade da engenharia biomédica mundial com 130.000 membros de 60 organizações de distintos países.

